

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

BÁRBARA SANTANA DE ALMEIDA FREIRE

**O Cordel e suas marcas, na Literatura e na Cultura brasileiras: uma análise da obra
Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto**

**GOIÂNIA
2025**

BÁRBARA SANTANA DE ALMEIDA FREIRE

**O Cordel e suas marcas, na Literatura e na Cultura brasileiras: uma análise da obra
Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para fins de avaliação e obtenção do grau de licenciada em Letras – Português/Inglês, sob a orientação do Prof. Dr. Divino José Pinto e coorientação da Prof^a. Me. Maria Mariana M. Serrano

GOIÂNIA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, à minha irmã e a todos aqueles que contribuíram para a realização do presente trabalho, incluindo meu professor orientador, Divino José Pinto e à minha coorientadora, professora Maria Mariana M. Serrano.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida avó, Natalice Ferreira Freire (*in memoriam*), cujo desejo era estar presente (fisicamente) neste momento, porque seu grande sonho era ver seus netos(as) concluir seus estudos.

Por tudo isso...

___ Vovó, estou aqui para te dizer que, mesmo a Senhora não estando presente fisicamente comigo, tenho certeza de que me transmite força, confiança e competência necessária, sempre com a proteção de Deus, para que eu pudesse, não só concluir o meu TCC, mas também para eu conferir o grau em Licenciatura em Letras – Português/Inglês, pois estou certa de que, se a Senhora estivesse presente, estaria muito honrada, orgulhosa e feliz. Sei que seu desejo era a felicidade nossa, como Família e mais ainda: o nosso progresso pessoal e profissional em todas as áreas da vida. Por isso, quero te dizer, através desta mensagem que a sua neta caçula te ama muito, muito, muito e sente muita falta sua, mas sei que a Senhora está em um bom lugar e sempre olhando e zelando por mim.

Assinado: Bárbara Santana de Almeida Freire.

Se eu conversasse com Deus

Se eu conversasse com Deus
Iria lhe perguntar:
Por que é que sofremos tanto
Quando viemos pra cá?
Que dívida é essa
Que a gente tem que morrer pra pagar?

Perguntaria também
Como é que ele é feito
Que não dorme, que não come
E assim vive satisfeito.
Por que foi que ele não fez
A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes
E outros que sofrem tanto?
Nascemos do mesmo jeito,
Moramos no mesmo canto.
Quem foi temperar o choro
E acabou salgando o pranto?

Leandro Gomes de Barros

RESUMO

Neste trabalho propõe-se demonstrar a importância da literatura de cordel como experiência estético-cultural brasileira, destacando seu papel na difusão e na preservação da memória coletiva, da oralidade e das formas diversas de tradições populares. A obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* é aqui trazida ao centro da discussão, posto que sua complexidade estética nos permite inseri-la em diferentes formas e sistemas semióticos, incluindo literatura, cultura popular, oralidade performática, música, teatro, artes visuais e audiovisual. Nesse sentido, o percurso analítico aqui, investiga como se dá a relação entre o cordel e outras manifestações contemporâneas como o *rap*, as batalhas de *rappers*, como uma espécie de retomada dos repentes em que se rivalizam cantadores populares, tornando-se um eixo essencial deste estudo. Essas expressões, fundadas nas práticas de escrita e outras manifestações culturais com raízes na oralidade, na performance e na busca de um discurso eivado de crítica social que pode ser observado e constatada a sua potência à luz de teorias como as de Luís da Câmara Cascudo, Haroldo de Campos, Antônio Candido, Darcy Ribeiro e outros. A escolha do tema também se justifica pela escassez de fortuna crítica sistematizada sobre o cordel e pelos desafios de preservação decorrentes de seu suporte material, frequentemente efêmero.

Palavras-chave: Cordel. *Morte e vida severina*. *Rap*. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the importance of cordel literature as a Brazilian aesthetic-cultural experience, highlighting its role in the diffusion and preservation of collective memory, orality and diverse forms of popular traditions. The work of João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina* is brought here to the center of discussion, since its aesthetic complexity allows us to insert it in different forms and semiotic systems, including literature, popular culture, performative orality, music, theatre, visual arts and audiovisual. In this sense, the analytical path here investigates how the relationship between the cordel and other contemporary manifestations such as rap, the battles of rappers, as a kind of resumption of repentes in which popular singers compete, becoming an essential axis of this study. These expressions, based on writing practices and other cultural manifestations with roots in orality, performance and the search for a discourse filled with social criticism that can be observed and verified its power in the light of theories such as those of Luís da Câmara Cascudo, Haroldo de Campos, Antônio Candido, Darcy Ribeiro and others. The choice of the theme is also justified by the scarcity of systematic critical fortune on the cord and by the preservation challenges arising from its material support, often ephemeral.

Keywords: Cordel. *Morte e vida severina*. Rap. Contemporaneity.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	8
1. Cordel como expressão da oralidade, da memória e na cultura brasileira	11
1.1 Discutindo conceitos de cordel	12
1.2 O cordel como expressão da oralidade	18
1.3 Literatura de cordel e a intersemiose	19
1.4 Registro da memória	22
2. Análise de <i>Morte e Vida Severina</i>	24
2.1 A magia do ritmo cordelístico	25
2.2 A leitura pelas imagens	27
2.3 O processo de intersemiose	29
3. <i>Morte e Vida Severina</i> e suas relações intersemióticas	31
3.1 <i>Morte e Vida Severina</i> e o cordel	33
3.2 <i>Morte e Vida Severina</i> e a música	35
Considerações finais	37
Referências bibliográficas	38

Considerações Iniciais

O presente trabalho propõe analisar a importância da literatura de cordel como manifestação cultural brasileira, enfatizando seu papel na preservação da memória coletiva, da oralidade e das tradições populares. A investigação parte do entendimento de que o cordel, embora associado historicamente ao Nordeste, consolidou-se como expressão identitária de alcance nacional, dialogando com diversas linguagens artísticas contemporâneas. Para aprofundar essa discussão, toma-se como referência a obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, cuja estrutura poética, ainda que moderna, estabelece afinidades formais e temáticas com a tradição cordelística.

A análise de *Morte e Vida Severina* exige a compreensão de sua complexidade estética e de sua inserção em sistemas semióticos diversos, que incluem literatura, oralidade performática, música, teatro, artes visuais e audiovisual. O poema dramatiza a trajetória do retirante nordestino com rigor formal e crítica social, articulando métrica, ritmo e narratividade de modo a criar um texto que, embora altamente elaborado, mantém diálogo direto com as formas populares de expressão. Seu percurso de circulação cultural, marcado por adaptações para teatro, música, cinema e produtos audiovisuais, reforça sua condição de obra intersemiótica, capaz de atravessar fronteiras e ressignificar-se em novos contextos.

Nesse sentido, a relação entre o cordel e manifestações contemporâneas como o rap, as batalhas de rap e os repentes torna-se um eixo essencial deste estudo. Essas expressões, fundadas na oralidade, na performance e na crítica social, evidenciam a continuidade de práticas poéticas que dialogam com o cordel. A partir do conceito de transcrição, formulado por Haroldo de Campos, é possível compreender como essas linguagens recriam e atualizam estruturas típicas do cordel, projetando-o para circuitos culturais urbanos, midiáticos e digitais. Esse processo amplia sua visibilidade, fortalece sua relevância simbólica e reafirma seu estatuto de patrimônio cultural dinâmico.

A escolha do tema também se justifica pela escassez de fortuna crítica sistematizada sobre o cordel e pelos desafios de preservação decorrentes de seu suporte material, frequentemente efêmero. O estudo, assim, busca contribuir para o reconhecimento do cordel como objeto legítimo de investigação acadêmica e como expressão artística significativa no imaginário brasileiro. Para isso, dialoga com autores fundamentais, como Luís da Câmara Cascudo, Haroldo de Campos, Antônio Candido e Darcy Ribeiro, cujos aportes teóricos permitem situar o cordel e a obra cabralina em uma perspectiva histórico-cultural ampla.

A análise proposta exige um arcabouço teórico capaz de articular literatura, cultura popular e processos intersemióticos. Nesse sentido, Luís da Câmara Cascudo constitui referência basilar, especialmente por meio do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954) e de *Folclore do Brasil* (1967). Esses trabalhos oferecem um mapeamento detalhado das manifestações populares e dos sistemas simbólicos que estruturam o imaginário brasileiro. Sua obra permite compreender a literatura de cordel como fenômeno que nasce no entrecruzamento entre oralidade, memória coletiva e materialidade impressa, elementos fundamentais para situar *Morte e Vida Severina* em diálogo com tradições narrativas populares.

Haroldo de Campos amplia esse panorama ao introduzir a noção de “transcrição”, concebida como um processo de recriação estética que ultrapassa a simples tradução ou adaptação. Em *Transcrição* (2015), o autor discute como obras transitam entre linguagens, gerando novas formas expressivas; já em *A Arte no Horizonte do Provável* (1969), aprofunda a dimensão experimental e interdisciplinar da poesia. Esses conceitos são essenciais para examinar como *Morte e Vida Severina* atravessa diferentes sistemas semióticos, do teatro à música, e como sua estrutura poética se reconfigura em cada nova mídia.

Antônio Candido, por sua vez, fornece o suporte histórico-sociológico necessário para posicionar a obra de João Cabral dentro da tradição literária brasileira. Em *Formação da Literatura Brasileira* (1959), Candido evidencia os processos de consolidação do sistema literário nacional, possibilitando compreender o cordel como parte legítima desse campo. Já em *Literatura e Sociedade* (1965), enfatiza as interações entre produção artística e estrutura social, abordagem que se mostra indispensável para analisar a dimensão crítica de *Morte e Vida Severina* diante das desigualdades estruturais brasileiras.

Por fim, Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro* (1995), revela a composição étnica, cultural e simbólica do Brasil como resultado de um processo complexo de miscigenação e resistência. Sua perspectiva antropológica ilumina as manifestações populares, entre elas o cordel, como expressões vivas da identidade nacional. Esse enquadramento permite observar *Morte e Vida Severina* não apenas como produção literária singular, mas como texto que participa criticamente da narrativa cultural do país, expondo, com rigor e sensibilidade, os dramas sociais que atravessam o povo brasileiro.

Assim, o conjunto desses autores oferece uma base sólida para sustentar a análise intersemiótica, histórico-cultural e poética da obra de João Cabral, permitindo compreender suas interconexões com outros sistemas de significação e com a tradição do cordel no Brasil.

A questão central que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que maneira a literatura de cordel, ao dialogar com outras formas de expressão contemporâneas,

especialmente aquelas vinculadas à cultura urbana e performática, pode ampliar sua presença, atualizar seus sentidos e consolidar-se como prática cultural reconhecida e valorizada. Parte-se, portanto, da convicção de que Morte e Vida Severina, e, por extensão, o cordel, constitui importante chave interpretativa para compreender tanto a história estética brasileira quanto as permanências e transformações das desigualdades sociais que ainda marcam o país.

Essas considerações iniciais delineiam o percurso analítico deste trabalho, que buscará articular literatura, cultura popular e processos intersemióticos para compreender a vitalidade e a atualidade do cordel na cultura brasileira.

1. Cordel como expressão da oralidade, da memória e na cultura brasileira

A literatura de cordel constitui uma das expressões mais ricas e complexas da cultura brasileira, articulando texto, voz, imagem e memória em uma tradição que atravessa séculos. Embora mantenha vínculos históricos com práticas portuguesas, consolidou no Brasil um percurso próprio, especialmente no Nordeste, onde encontrou condições culturais para se reinventar. Os folhetos impressos em papel de baixa durabilidade, tradicionalmente expostos pendurados em cordões e vendidos em feiras populares, tornaram-se ícones dessa manifestação.

Contudo, definir a literatura de cordel não é tarefa simples. Parte da crítica a concebe como mero produto de cultura popular, de baixo custo e circulação restrita, reduzindo sua complexidade estética e relegando-a a uma posição marginal no sistema literário. Outros autores, por sua vez, insistem em classificá-la estritamente como poesia narrativa metrificada, obediente a esquemas fixos como a sextilha ou a martelo agalopado, uma visão que, embora reconheça a técnica, limita a compreensão do fenômeno. Há ainda definições mais conservadoras que a tratam como folclore ou curiosidade regional, minimizando sua potência artística. Em contraposição a esses reducionismos, estudiosos defendem o cordel como gênero híbrido, que transita entre a poesia escrita, a performance oral, a xilogravura e a memória comunitária, constituindo um campo estético amplo e vivo.

Mais do que um gênero literário, o cordel é uma prática cultural dinâmica, cuja existência plena depende da voz e do corpo do intérprete. Poetas e repentistas recitam, cantam e improvisam narrativas em performances que completam o texto. A musicalidade, o ritmo e a repetição funcionam como tecnologias culturais de transmissão, mecanismos que garantem a circulação de saberes, histórias e afetos dentro da comunidade. Essa dimensão performática aproxima o cordel de manifestações contemporâneas como as batalhas de *rap* e os slams, nas quais o improviso, a crítica social e a presença do intérprete diante do público assumem papel central.

A natureza intersemiótica do cordel também merece destaque. As obras dialogam com imagens, sons e performances, especialmente por meio das xilogravuras que ilustram muitos folhetos. Esse encontro entre texto e imagem cria uma experiência estética ampliada e abre espaço para reflexões a partir da teoria da tradução e da semiose: a transposição criativa de Jakobson e a transcrição proposta por Haroldo de Campos ajudam a compreender como o cordel se recria continuamente ao migrar entre códigos e suportes. Esse processo é comparável às adaptações intersemióticas de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, para o

teatro e o cinema, nas quais a força poética se preserva e se transforma, ampliando os modos de circulação da obra.

Além disso, a historicidade da produção, conforme teorizam Plaza e Benjamin, permite entender o cordel como forma singular de registrar a realidade objetiva e os imaginários sociais de cada época. Seus meios de produção, muitas vezes artesanais e de baixo custo, dialogam diretamente com o pensamento marxista sobre circulação e recepção cultural: o suporte material influencia quem lê, como lê e por onde a obra circula.

A força do cordel também se evidencia em sua função de arquivo cultural. Nos folhetos, encontram-se narrativas sobre acontecimentos históricos, figuras populares, conflitos políticos, tradições religiosas e desastres que, de outro modo, poderiam não ser registrados. Trata-se de uma memória viva, afetiva e frequentemente reinventada poeticamente. Esse aspecto o aproxima de outras expressões culturais brasileiras baseadas no trabalho manual, como as obras em areia colorida de Goiandira do Couto ou os saberes de tecelãs e fiandeiras, práticas que preservam identidades e histórias por meio da arte.

Compreender o cordel, portanto, exige ultrapassar visões reducionistas. Ele não se limita a um formato literário tradicional, tampouco a um artefato folclórico. Trata-se de um território fértil de criação e crítica, um espaço de diálogo entre o popular e o erudito, o tradicional e o contemporâneo, o escrito e o performático. Esta introdução prepara o capítulo para aprofundar o cordel como conceito, prática oral, forma intersemiótica e campo de memória, ressaltando sua relevância para a cultura brasileira e suas reconfigurações na contemporaneidade.

1.1 Discutindo conceitos de cordel

A literatura de cordel pode ser compreendida como uma forma de literatura popular de tradição impressa e oral, cuja materialidade e circulação influenciam diretamente sua preservação e recepção. Seus folhetos, geralmente de baixo custo e papel frágil, refletem não apenas o caráter popular do gênero, mas também a precariedade da memória escrita, já que muitos exemplares se perdem com o tempo. Nesse sentido, o cordel não é apenas um gênero literário, mas também um patrimônio cultural que carrega saberes, histórias e práticas sociais, funcionando como registro da memória coletiva do povo brasileiro (Cândido, 1991).

O cordel é uma literatura popular de origem portuguesa que se consolidou no Brasil, adquirindo características próprias. Ele se apresenta em livretos impressos, geralmente de baixo custo, destinados à venda em feiras e mercados, e eram tradicionalmente expostos pendurados

em cordas ou cordões, o que deu origem ao nome “literatura de cordel”. No Brasil, encontrou terreno fértil especialmente no Nordeste, onde se enraizou como manifestação cultural profundamente ligada à oralidade, à música e ao cotidiano do povo. Posteriormente, difundiu-se por todo o país, preservando seu caráter popular e acessível.

Quanto à materialidade, os folhetos costumam ser impressos em papel de baixa durabilidade, o que dificulta não apenas a difusão e o alcance dessas obras ao longo do tempo, mas também a sua preservação. Esse aspecto impacta diretamente a fortuna crítica do cordel, uma vez que a dificuldade de armazenamento e conservação limita os registros históricos, a memória literária e a possibilidade de circulação ampliada desse gênero. Mais do que um gênero literário, o cordel deve ser compreendido como manifestação cultural: suas histórias, formas de circulação e modos de performance se conectam profundamente à oralidade e à memória coletiva. Seu alcance, inicialmente associado ao Nordeste, hoje se expandiu para todo o Brasil, dialogando com práticas culturais contemporâneas, como as batalhas de *rap* e os slams, que atualizam a tradição do improviso e da poesia performática em novos contextos urbanos, como por exemplo o autointitulado ‘*trapper* no gênero errado’ Dupê, que faz vídeos como o Cangaço *Sessions*¹ que faz transcrição de músicas de diversos gêneros em uma miscelânea de forró com elementos do *trap* e o acordeonista Inácio Botelho² que, em uma outra vertente, executa peças de música clássica dos compositores mais consagrados como Beethoven, Mozart e outros.

A tradição da literatura de cordel, embora frequentemente associada à produção portuguesa, possui raízes mais amplas, vinculadas à história dos relatos orais e impressos que circularam pela Europa desde a Idade Moderna. Em Portugal, o cordel encontrou um terreno fértil de difusão e consolidação, tornando-se um dos formatos populares mais conhecidos no continente. Contudo, sua origem não deve ser restringida ao território português, mas compreendida no contexto histórico mais amplo da circulação de narrativas populares, folhetins, xilogravuras e cantorias que percorriam diferentes regiões.

Obras impressas que dialogam com essa tradição, como edições ilustradas da *Divina Comédia*, especialmente aquelas que apresentam séries de xilogravuras, mostram como textos narrativos estruturados em versos, acompanhados de imagens produzidas em madeira, dialogam com o princípio que orientou o cordel: a combinação entre palavra poética e imagem gráfica como forma de ampliação da recepção popular. As xilogravuras presentes nessas edições funcionam como testemunho histórico da estética visual que, mais tarde, seria incorporada ao cordel brasileiro.

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_tViSJEDOJI&list=RD_tViSJEDOJI&start_radio=1

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LQ226tKemeM&list=RDLQ226tKemeM&start_radio=1

A obra *Morte E Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, desempenha papel estratégico na ampliação da visibilidade da literatura de cordel, funcionando como vetor de legitimação acadêmica e projeção cultural. Ao dialogar com estruturas narrativas e temáticas típicas do cordel, como a cadência marcada, a oralidade e a atenção aos problemas sociais —, o poema contribui para situar o cordel não apenas como manifestação popular, mas também como objeto de estudo crítico e reflexão estética consolidada na literatura brasileira.

Um dos elementos centrais que aproxima o cordel do *rap*, das batalhas de improviso e de outras manifestações orais urbanas é a crítica social, eixo temático recorrente em ambos os gêneros. A literatura de cordel historicamente articulou humor, fé, aventura e resistência, mas sua dimensão crítica permanece como principal elo de diálogo com contextos contemporâneos. No *rap* e nas batalhas, essa mesma função crítica se manifesta na denúncia das desigualdades, na reflexão sobre a vida periférica e na construção de uma narrativa coletiva de resistência. Dessa forma, observa-se que a crítica social não apenas conecta o cordel às expressões culturais urbanas, mas também reforça sua atualidade e capacidade de mobilizar debates sobre injustiça, exclusão e identidade. Por meio dessa interlocução, *Morte e Vida Severina* atua como mediador: legitima o cordel no âmbito acadêmico e projeta-o culturalmente, demonstrando que suas narrativas permanecem vivas, dinâmicas e socialmente significativas.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida). (Melo Neto, 1985, p. 79).

Aqui, a palavra igualdade está empregada no sentido de que todos os Severinos são vítimas de uma má sorte que lhes é imposta pelas circunstâncias da vida em que vivem, não se trata, portanto da igualdade no seu sentido básico e humano do termo, mas nas circunstâncias de abandono.

A fortuna crítica do poema dramático está intimamente ligada à elevação do gênero popular que o inspirou, conferindo-lhe nova legitimidade acadêmica e maior projeção cultural. A crítica especializada reconhece que João Cabral de Melo Neto, ao empregar a forma da redondilha maior e abordar a temática do retirante nordestino, dialogou diretamente com a

tradição do cordel. Essa apropriação formal e temática por um poeta de renome, membro da Academia Brasileira de Letras, forçou a academia a reexaminar o cordel, que até então era marginalizado como mera manifestação folclórica ou subliteratura.

Antes do advento de obras como *Morte e Vida Severina*, o cordel era visto como forma literária marginal, associado à oralidade e à tradição popular, com visibilidade restrita ao Nordeste e a círculos populares. Após o reconhecimento da obra de Cabral, bem como de outras obras que também dialogam com as formas populares do cordel, esse subgênero, até então estigmatizado, passou a ser considerado objeto de estudo válido nas academias, com relevância estética e social reconhecida, ganhando projeção nacional e internacional como estrutura poética capaz de sustentar narrativas complexas. O sucesso da obra foi amplificado por um intenso processo de transcrição, que transportou o poema das páginas impressas para o palco, a música e o cinema. A adaptação mais notória foi a peça teatral de 1965, com música de Chico Buarque de Holanda, que popularizou o poema para um público de massa. Essa e outras adaptações intersemióticas expuseram a estrutura narrativa e a cadência rítmica de matriz cordelista a milhões de pessoas, muitas das quais não tinham contato prévio com a literatura popular nordestina.

Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
—— é de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio. (Holanda, 1968).

A composição buarquiana estabelece um ritmo repetitivo, com uma melodia igualmente monótona, utilizando de tonalidades menores que evocam o sentimento de tristeza e desolamento profundo. Essa espécie de monotonia torna sua canção semelhante a um cortejo fúnebre no qual a ladainha é repetida em todo o percurso que causa uma comoção mórbida que convida a reflexão sobre a vida daquele Severino que desce a cova representativo de todos os Severinos.

Dessa forma, a transcrição de *Morte e Vida Severina* funcionou como um espelho que refletiu a dignidade e a força da cultura popular. Ao reconhecer a qualidade da obra de Cabral, o público e a crítica também passaram a valorizar, indiretamente, a riqueza da fonte popular que a inspirou, consolidando o cordel como um patrimônio cultural de inestimável valor, fonte inesgotável que revela a riqueza e a diversidade cultural brasileira, conforma afirmam Assis, R. A. de; Tenório, C. M.; Callegaro, T. (2013, p. 21) : “A literatura de cordel se revela fonte de

informação [...] mostrando grande diversidade de assuntos e facilidade em permear diferentes áreas do conhecimento.”

A crítica social emerge como elemento mais potente na intersecção entre a Literatura de Cordel e as manifestações contemporâneas do *Rap* e das Batalhas de Rima. Embora existam semelhanças formais, como musicalidade, ritmo e uso da rima, é a função sociopolítica de ambos os gêneros que estabelece o elo mais significativo.

Historicamente, o cordel serviu como veículo de informação e denúncia das mazelas sociais, das desigualdades e das injustiças que afligiam o povo, especialmente no Nordeste brasileiro. De forma análoga, o *Rap* e as Batalhas de Rima consolidaram-se como a “voz da periferia”, expondo e questionando opressões estruturais, violência e marginalização nos contextos urbanos.

Essa convergência temática e funcional entre *Rap* e Cordel impacta diretamente a renovação do interesse pelo gênero popular tradicional. Ao reconhecerem no *Rap* e nas Batalhas de Rima uma continuidade da tradição de denúncia social, as novas gerações são incentivadas a buscar as raízes dessa expressão na Literatura de Cordel. Essa conexão se manifesta em projetos culturais e educacionais que promovem o diálogo entre os dois universos, utilizando o *Rap* como porta de entrada para o estudo do Cordel e vice-versa. O reconhecimento de que Cordel e *Rap* compartilham a função de espelho da realidade marginal e ferramenta de conscientização reforça a relevância do cordel para o contexto atual. A crítica social atua como ponto de convergência que transcende diferenças geográficas e temporais, estabelecendo diálogo profundo entre sertão e periferia urbana, unindo Cordel e *Rap* na missão de dar voz aos historicamente silenciados e transformando a arte em campo de batalha contra relações de poder e desigualdade.

Era um cômodo incômodo
 Sujo como o dragão-de-komodo, úmido
 Eu, homem da casa aos seis anos
 Mofo no canto todo, TV, engodo, pronto pro lodo
 Tímido, porra, somos reis, mano
 Olhos são eletrodos, sério, topo, trombo corvos
 Num cemitério de sonhos graças a leis, planos
 Troco de jogo, vendo, roubo
 Pus a cabeça a prêmio, ingênuo
 Colhi sorrisos e falei: Vamos
 É um novo tempo, momento pro novo, ao sabor do vento
 Eu me movo pelo solo onde reinamos
 Pondo pontos finais na dor como Doril, Anador
 Somos a luz do Senhor e pode crer
 Tamo construindo, suponho, não, creio, meto a mão
 Em meio à escuridão, pronto, acertamos
 Nosso sorriso sereno hoje é o veneno
 Pra quem trouxe tanto ódio pra onde deitamos

Quem costuma vir de onde eu sou
 Às vezes não tem motivos pra seguir
 Então levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Mas eu sei que vai
 Que o sonho te traz coisas que te faz prosseguir
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Irmão
 Você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na face da Terra?
 Se isso não fizer você correr, chapa
 Eu não sei o que vai
 Eu sei (sei)
 Cansa
 Quem morre ao fim do mês
 Nossa grana ou nossa esperança?
 Delírio é
 Equilíbrio
 Entre nosso martírio e nossa fé
 Foi foda contar migalha nos escombros
 Lona preta esticadas, enxada no ombro, e nada vim
 Nada, enfim, recria sozinho
 Com a alma cheia de mágoa e as panela vazia
 Sonho imundo
 Só água na geladeira e eu querendo salvar o mundo
 No fundo, é tipo David Blaine
 A mãe assume, o pai some, de costume
 No máximo é um sobrenome
 Sou o terror dos clones
 Esses boys conhecem Marx, nós conhecem a fome
 Então cerra os punhos, sorria
 E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia
 Quem costuma vir de onde eu sou
 Às vezes não tem motivos pra seguir
 Então levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Mas eu sei que vai
 Que o sonho te traz coisas que te faz prosseguir
 Então levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Vai, levanta e anda
 Somos maior
 Nos basta só
 Sonhar, seguir (Emicida; Rael, 2013)³.

A canção *Levanta e Anda* de Emicida, apresentada com métrica rítmica rápida e improvisativa, remete ao modo de *repente*, característico do *Rap* e também do *repente* nordestino, subgênero do Cordel. Essa convergência evidencia que a tradição oral do Cordel, marcada pela improvisação, ritmo e rima, encontra continuidade nas batalhas de rima e no *Rap*

³ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0JSux25Te5HYMSr2D64d02?si=a7c7c0595a5b49c2>

contemporâneo. Assim, o *Rap* funciona como extensão urbana da performatividade cordelística, preservando sua função de denúncia social e criatividade verbal.

A canção dialoga com a passagem bíblica de João 5:8, em que Jesus diz: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”, símbolo de cura e renovação. Emicida ressignifica essa ideia de cura de forma prática e humana: levantar-se e buscar a própria sorte torna-se um ato de protagonismo pessoal e transformação da realidade. A referência sugere que, assim como a cura física no texto bíblico, o movimento do indivíduo é a cura de sua própria condição social e existencial.

Quando Emicida afirma “Você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na face da Terra?”, ele destaca a responsabilidade e o protagonismo individual, em contraste com a figura de Severino, de João Cabral de Melo Neto, que representa um “ser qualquer”, marcado pela marginalidade e invisibilidade social. Enquanto Severino simboliza coletivamente os retirantes nordestinos, Emicida desloca a atenção para a singularidade de cada pessoa, incentivando a autonomia e a ação concreta na construção da própria trajetória. Esse diálogo evidencia como o *Rap* contemporâneo atualiza e personaliza a função social do Cordel, mantendo sua dimensão de crítica e denúncia, mas conferindo maior agência ao indivíduo.

A transposição da crítica social do Cordel para o *Rap* evidencia a universalidade e a atemporalidade da luta por justiça social no Brasil, permitindo que a figura do retirante do Cordel, que busca uma vida digna, encontre paralelo no jovem periférico do *Rap*, que luta contra invisibilidade e opressão. Essa identificação mútua garante que o Cordel se mantenha vivo e relevante, sendo constantemente reinventado e ressignificado pelas novas formas de poesia oral e escrita, consolidando sua função cultural, educativa e de denúncia social.

1.2 O cordel como expressão da oralidade

A oralidade constitui o pilar fundamental da Literatura de Cordel, sendo o elemento que molda sua forma, define sua circulação e estabelece sua função social. O cordel é um gênero situado na confluência entre a tradição oral e a cultura escrita, mantendo um vínculo direto com a voz, a recitação e a performance (CASCUDO, 1988).

A centralidade da oralidade é evidente nas características formais do cordel. A necessidade de memorização e recitação em feiras, praças e encontros comunitários moldou a linguagem do gênero, tornando-a simples, direta e acessível ao público. A estrutura poética do cordel é rigorosamente definida por elementos que favorecem a performance oral. A métrica, com destaque para a redondilha maior (sete sílabas) e a decassílabas, confere um ritmo constante e musical ao verso. O esquema de rimas, geralmente nos versos pares, atua como recurso

mnemônico, facilitando a memorização e a identificação do público com a narrativa. Além disso, o ritmo marcado e o uso de fórmulas de repetição reforçam a função performativa do cordel, aproximando-o da cantoria e do repente, gêneros de improviso oral (CÂNDIDO, 1991). Essa disciplina formal garante que o texto, mesmo após ser impresso em folhetos, mantenha sua vocação para ser “falado” e “ouvido”, perpetuando a tradição oral que o antecedeu.

A circulação do cordel está intrinsecamente ligada à performatividade. A recitação, a declamação e a cantoria constituem práticas essenciais que permitem ao cordel alcançar públicos que nem sempre têm acesso à leitura formal. Dessa forma, o gênero atua como poderoso veículo de socialização cultural, transmitindo conhecimentos e saberes, como histórias, lendas, fatos históricos e notícias, de forma didática e envolvente. Além disso, reforça valores coletivos, como moral, religiosidade e códigos comunitários, preservando a memória e a identidade cultural nordestina (RIBEIRO, 1995).

Ao se estabelecer como espaço privilegiado de continuidade da voz popular, o cordel demonstra que a literatura pode ser um ato vivo e interativo, onde a palavra escrita é apenas um suporte para a palavra falada. A tradição oral, combinada à performatividade da leitura, muitas vezes acompanhada de cantorias e música —, reforça o caráter dinâmico do gênero, permitindo que seus saberes, histórias e valores coletivos sejam transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, a literatura de cordel mantém vínculo direto com a oralidade, tanto na elaboração quanto nos modos de circulação, consolidando-se como instrumento de preservação cultural e de comunicação social (CASCUDO, 1988; CÂNDIDO, 1991).

1.3 Literatura de cordel e a intersemiose

A literatura de cordel manifesta-se também pela intersemiose, isto é, pela articulação entre diferentes sistemas de signos. A combinação entre texto escrito, xilogravuras e performance oral revela a natureza híbrida do gênero, cuja força comunicativa deriva do diálogo entre palavra, imagem e voz. Essa característica amplia sua dimensão estética, permitindo que as narrativas ultrapassem o suporte verbal e sejam compreendidas de maneira integrada.

No campo formal, o cordel se estrutura pela métrica regular e pela musicalidade das estrofes. Esses elementos são recuperados e reelaborados por João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina*. A predominância da redondilha maior, versos de sete sílabas métricas, aproxima o poema das tradições populares nordestinas, conferindo-lhe o ritmo característico que favorece memorização, declamação e performance.

Nesse poema, o uso contínuo da redondilha maior produz um ritmo valsado, marcado por cadência ternária e andamento suave, quase circular. Esse efeito sonoro reforça a experiência do retirante Severino, cujo percurso é lento, repetitivo e desgastante. A forma, assim, ecoa o conteúdo: a musicalidade do verso espelha a monotonia da vida severina, aproximando o caminhar do protagonista de uma existência que se confunde com a morte.

Essa construção torna-se ainda mais expressiva diante da duplicidade “morte/vida” inscrita no título e estruturante do poema. Severino encarna essa ambiguidade ao viver uma vida tão marcada pela precariedade que roça constantemente a morte. O ritmo lento, quase fúnebre, contribui para criar um ambiente de suspensão e resignação, reforçando a atmosfera temática do texto.

Além disso, a musicalidade regular aproxima *Morte e Vida Severina* de práticas contemporâneas como o *rap*, o repente e o *slam*, formas que igualmente exploram a potência performática da palavra ritmada. A obra evidencia, assim, como estruturas tradicionais do cordel seguem vivas, dialogando com novas linguagens e atravessando fronteiras estéticas.

Por tudo isso, a transcrição do poema evidencia que a cadência marcada da redondilha maior funciona como um núcleo de identidade rítmica. É esse ritmo que permite que *Morte e Vida Severina* seja adaptado em diferentes expressões artísticas sem perder sua essência. A métrica, nesse caso, atua como elemento de ancoragem estética, reafirmando a vitalidade do cordel e sua capacidade de promover um diálogo intersemiótico entre texto, voz, ritmo e imagem poética.

O poema de João Cabral tem sido transcrito em peças teatrais⁴, hqs⁵, animações⁶, leituras dramáticas⁷ e até adaptações audiovisuais⁸ que preservam, de alguma forma, o compasso severino. A própria lógica narrativa, construída a partir de imagens sintéticas, repetições estruturais e cenas de forte impacto simbólico, aproxima o poema das estratégias

⁴ Em 1981, a TV Globo exibiu uma versão especial em formato de teleteatro de *Morte e Vida Severina*, protagonizada por José Dumont e com participação de Elba Ramalho. A adaptação apostou na força performática dos atores e na estética televisiva da época, oferecendo ao público uma leitura dramatizada que reforça a dimensão humana e social do poema.

⁵ Em 2024, Odyr Bernardi lançou uma adaptação em quadrinhos de *Morte e Vida Severina*, desenvolvida em traço realista e composição visual elegante. A HQ amplia o texto original por meio de leituras visuais que aprofundam a dimensão poética e social da obra cabralina, constituindo um exemplo contemporâneo de transcrição.

⁶ Animação 3D (2010): Adaptada para quadrinhos por Miguel Falcão, com ilustrações e voz de Gero Camilo, e trilha de Lucas Santtana. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KAxTE_wGPko

⁷ A Globo News produziu um documentário em que a câmera é utilizada como dispositivo narrativo para simular o ponto de vista de Severino. Essa escolha estética recria o percurso do retirante e reforça a leitura crítica da realidade nordestina apresentada por João Cabral de Melo Neto.

⁸ *Morte e Vida Severina* recebeu uma adaptação cinematográfica em 1977, dirigida por Zelito Viana, com José Dumont no papel de Severino. O filme destaca a dimensão social e poética do texto cabralino, ampliando seu alcance para novos públicos.

tradicionais do cordel, facilitando sua circulação contemporânea. Ao ser transcrito, *Morte e Vida Severina* se abre à atualização estética e política, alcançando públicos distintos e mantendo vivo o diálogo entre literatura popular, cultura visual e produção artística atual.

Além de atuar como instrumento de atualização estética, a transcrição funciona também como um mecanismo de preservação da memória cultural e simbólica presente em *Morte e Vida Severina*. Cada nova leitura performática, adaptação musical ou releitura visual do poema reinscreve a experiência do retirante nordestino em novos suportes, garantindo sua permanência no imaginário coletivo. Nesse processo, o texto deixa de ser apenas um registro literário e passa a ocupar o lugar de um patrimônio narrativo que atravessa gerações. A transcrição, portanto, não altera apenas a forma, mas preserva e reativa sentidos fundamentais ligados à migração, à pobreza estrutural e à dignidade humana, temas que permanecem socialmente urgentes. Ao circular por múltiplas mídias, o poema reafirma a memória histórica que carrega, não como repetição estática, mas como reinvenção contínua que mantém viva a narrativa severina em contextos culturais sempre renovados.

Do mesmo modo, a transcrição pode ser compreendida como uma forma de resistência cultural, sobretudo quando se considera o apagamento histórico das narrativas populares e das experiências das classes subalternizadas. Ao reinterpretar *Morte e Vida Severina* em novos formatos, sejam eles musicais, teatrais, visuais ou digitais, produtores culturais reafirmam a centralidade da vivência nordestina e confrontam discursos hegemônicos que tendem a marginalizar essas histórias. A transcrição torna-se, assim, um gesto político: ela desafia o esquecimento, reafirma identidades comunitárias e legitima a permanência de uma sensibilidade estética oriunda da cultura popular. Resistir, nesse sentido, não é apenas manter o texto vivo, mas assegurar que suas vozes, severinas, múltiplas e historicamente silenciadas, continuem a ecoar nas formas contemporâneas de expressão artística.

Além de atuar como mecanismo de preservação da memória e forma de resistência cultural, a transcrição também funciona como uma leitura crítica da realidade social. Ao reatualizar *Morte e Vida Severina* em diferentes linguagens e suportes, os artistas e pesquisadores não apenas recriam a obra, mas também reinterpretam seus sentidos à luz das tensões contemporâneas, desigualdade, migração interna, exploração do trabalho, violência estrutural. Cada transcrição evidencia novas camadas de crítica, permitindo que o texto dialogue com problemas atuais e revele continuidades históricas entre o Brasil de ontem e o de hoje. Assim, a transcrição se torna um instrumento de análise social: por meio dela, a arte questiona estruturas, denuncia injustiças e convida o público a reconhecer, no percurso de Severino, ecos persistentes da realidade brasileira.

1.4 Registro da memória

A literatura de cordel atua como um dos mais importantes dispositivos de registro e circulação da memória cultural no Brasil. Por sua natureza híbrida — entre oralidade, escrita e performance —, o cordel preserva práticas, costumes e imaginários coletivos que frequentemente escapam aos registros oficiais. Trata-se de uma memória construída “de baixo para cima”, enraizada na experiência do povo, na vida cotidiana e no repertório simbólico de comunidades rurais e urbanas. Nesse sentido, convergindo com o que Paul Ricoeur define como “memória narrativa”, o cordel transforma eventos e saberes em histórias compartilhadas, permitindo sua transmissão intergeracional.

O cordel registra não apenas acontecimentos, mas modos de existir, formas de trabalho, cosmovisões e afetos sociais. Ao narrar migrações, injustiças, festas populares, religiosidade, paisagens e disputas políticas, o cordel se converte em um arquivo vivo. O que se transmite ali não é apenas informação histórica, mas um sentimento identitário profundamente enraizado. A memória coletiva, no sentido de Maurice Halbwachs, encontra no cordel um suporte privilegiado: um texto que ativa lembranças, reforça pertencimentos e produz continuidade cultural.

Essa função memorialística dialoga intensamente com outras expressões da cultura popular, especialmente os trabalhos manuais. A obra de artistas como Goiandira do Couto — conhecida por transformar o pó de pedras goianas em pinturas que evocam paisagens e modos de vida locais — exemplifica como a criação artesanal também atua como produção de memória. Do mesmo modo, bordadeiras, tecelãs e fiandeiras perpetuam tradições, técnicas e repertórios simbólicos que atravessam gerações. Cada ponto bordado, cada fio tecido, cada cor escolhida funciona como gesto de resistência e preservação, ecoando o movimento que o cordel realiza na linguagem verbal.

É significativo observar que tanto o cordel quanto esses trabalhos artesanais nascem de uma relação comunitária com o tempo, com o território e com a experiência coletiva. Ambos operam como formas de salvaguarda cultural, muitas vezes mantendo viva a memória de grupos historicamente marginalizados — populações sertanejas, mulheres artesãs, trabalhadores rurais, povos periféricos e comunidades afro-brasileiras.

Essa vocação para a resistência aproxima o cordel de manifestações contemporâneas como o *rap*. Em ambas as linguagens, há uma força narrativa que denuncia desigualdades, visibiliza identidades silenciadas e reivindica espaço social. A convergência entre cordel e *rap* não é acidental: ambos assumem a palavra como instrumento político, capaz de registrar,

denunciar e transformar. Assim, ao estabelecer pontes entre o passado e o presente, o cordel expande seu alcance e reforça sua relevância na construção de uma memória social que não é estática, mas aberta, viva e em constante reelaboração.

Portanto, a literatura de cordel não apenas preserva memórias culturais: ela as reinventa, reinscreve e atualiza, produzindo um repertório que dialoga com tradições artesanais, com manifestações artísticas contemporâneas e com as múltiplas vozes que compõem o Brasil. Trata-se de uma forma de lembrar que também é uma forma de resistir — e, sobretudo, de existir coletivamente.

2. Análise de *Morte e Vida Severina*

O presente capítulo tem como objetivo desenvolver uma análise crítica de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, a partir de três eixos centrais: o ritmo, as imagens e o processo de semiose que atravessa as múltiplas transcrições da obra. Trata-se de examinar como esses elementos estruturais e estéticos colaboram para a construção da experiência severina, entendida aqui como representação da condição do retirante, marcada por deslocamento, privação, resistência e busca por sentido. Nesse percurso, a leitura cabralina será articulada com elementos característicos da literatura de cordel, tanto no que diz respeito à sua forma quanto às estratégias narrativas e expressivas que compõem a tradição popular nordestina.

Ao longo do capítulo, esses subtemas serão analisados não apenas em seu funcionamento interno no poema, mas também em diálogo com teorias da poesia, da oralidade e da intersemiose. Assim, pretende-se demonstrar como o texto cabralino, embora pertencente à poesia moderna, dialoga intensamente com matrizes populares – sobretudo pela musicalidade, pela visualidade e pela capacidade de gerar novos sentidos através de sucessivas reinterpretações, como ocorre com os folhetos de cordel.

O primeiro tópico examina o ritmo, enfatizando o uso recorrente do “ritmo valsado”, frequentemente mencionado pela crítica como um dos pilares formais da obra. Aqui, analisa-se como a cadência regular, quase coreografada, confere ao poema uma carga sentimental específica e intensifica a percepção da caminhada do retirante. Este movimento será comparado a marcas rítmicas e melódicas da poesia de cordel, observando semelhanças no uso da métrica, na musicalidade e na função narrativa da repetição.

No segundo momento, a atenção recai sobre as imagens, considerando tanto aquelas presentes no texto quanto aquelas produzidas nas releituras visuais — fotografias, encenações, ilustrações e montagens teatrais amplamente difundidas. Além disso, serão estudadas as imagens simbólicas construídas pelos próprios personagens, cujos gestos, falas e presenças evocam paisagens sociais e emocionais específicas. A aproximação com o cordel permitirá evidenciar como figuras de precariedade, deslocamento e resistência são dramatizadas, conferindo à obra uma forte dimensão imagética.

Por fim, o terceiro tópico discute o processo de semiose de *Morte e Vida Severina*, marcado pela multiplicidade de transcrições: adaptações para teatro, cinema, televisão, quadrinhos e espetáculos musicais. Essa diversidade de traduções intersemióticas amplia o campo interpretativo do poema e reforça a vitalidade de sua mensagem social. Assim como

ocorre na literatura de cordel — que frequentemente se reescreve, expande e incorpora novas camadas de sentido —, a obra cabralina revela um processo contínuo de circulação simbólica, demonstrando como seu núcleo temático permanece ativo ao longo do tempo.

Dessa forma, este capítulo se dedica a compreender *Morte e Vida Severina* em suas dimensões rítmica, imagética e semiótica, articulando-as às tradições do cordel e às teorias literárias que iluminam sua complexidade estética e cultural. É a partir desse cruzamento analítico que se busca evidenciar o vigor artístico da obra e a profundidade com que ela traduz a experiência severina enquanto fenômeno literário, social e simbólico.

2.1 A magia do ritmo cordelístico

A análise do ritmo em *Morte e Vida Severina* revela o rigor formal característico da poética de João Cabral de Melo Neto. O autor estrutura o poema em redondilha maior — versos heptassilábicos que, historicamente, compõem a base métrica da poesia popular e da literatura de cordel. Essa escolha métrica não é meramente técnica: ela cria uma cadência contínua, quase circular, que sustenta a progressão narrativa. A musicalidade resultante aproxima o texto de uma espécie de “valsa narrativa”, cuja fluidez contrasta com o conteúdo brutal que narra o percurso do retirante Severino.

O contraste entre forma e conteúdo é um dos efeitos mais contundentes do poema. A regularidade rítmica suaviza apenas superficialmente a dureza da vida retratada, mas, paradoxalmente, é justamente essa suavidade sonora que intensifica o drama. A caminhada de Severino, marcada pela repetição da miséria e da morte, encontra na regularidade métrica uma espécie de batida constante, que ecoa tanto o movimento da jornada física quanto o caráter ritualizado da narrativa. Assim, o ritmo em sete sílabas funciona como estratégia estética e simbólica: confere ao poema um movimento contínuo, remete ao verso popular e aproxima a obra da cultura oral nordestina.

Dando continuidade a essa perspectiva, o capítulo também se ocupa de examinar como oralidade, improviso e vitalidade performática — dimensões centrais do cordel — encontram paralelos significativos em manifestações contemporâneas, sobretudo no *rap* e nas batalhas de freestyle. Não se trata apenas de aproximar dois universos culturais distintos, mas de evidenciar a permanência de estruturas orais que, apesar de transformadas, mantêm o princípio básico: a palavra dita como performance, como ato vivo.

A denúncia da precariedade e da violência estrutural, que em *Morte e Vida Severina* se manifesta na metáfora da “morte em vida”, encontra eco naquilo que Emicida expressa em “Boa

Esperança”: “a névoa tece fio por fio as grades que nos cercam”. Ambas as imagens constroem a percepção de que a exclusão social não é episódica, mas um sistema que aprisiona o sujeito, seja o retirante nordestino, seja o jovem periférico urbano.

Nas batalhas de *rap*, o improviso é mais que técnica; é fundamento estético. O MC precisa construir versos em tempo real, respondendo ao oponente, modulando ritmo e entonação, mobilizando repertórios culturais, referências pessoais e crítica social. Essa vitalidade performática, marcada pelo corpo, pela voz e pelo embate simbólico, ressoa profundamente com práticas tradicionais como o repente nordestino. No repente, dois cantadores improvisam sextilhas, martelos ou galopes, sustentando ritmo, rima e narrativa no calor do instante, diante de uma audiência que participa ativamente do jogo poético.

A vitalidade performática que caracteriza tanto o repente quanto o *rap* pode ser observada na forma como o sujeito lírico se afirma diante da adversidade. Emicida, por exemplo, condensa essa força de enunciação ao declarar: “Eu sou o único representante do meu sonho na face da Terra”. O verso, ainda que situado em outro contexto sociocultural, ressoa a dimensão coletiva da identidade severina — “somos muitos Severinos” — ao revelar que a voz poética funciona como instrumento de existência. Tal como o retirante que caminha impulsionado por uma cadência constante, o MC mobiliza ritmo, oralidade e improviso para sustentar sua presença no mundo, produzindo um discurso que é simultaneamente resistência e criação.

Essa relação revela a continuidade histórica entre diferentes formas de expressão oral. A vitalidade do *rap* — tanto nas canções estruturadas quanto nos improvisos das batalhas — não apenas dialoga com a tradição do cordel, mas reafirma a pertinência deste enquanto manifestação viva da cultura brasileira. O cordel não sobrevive apenas como objeto impresso, mas como gesto, como ritmo, como performance. A oralidade, o improviso e a pulsação rítmica que animam o *rap* atualizam, em outro registro estético, o mesmo princípio de energia narrativa presente no cordel e na poesia popular.

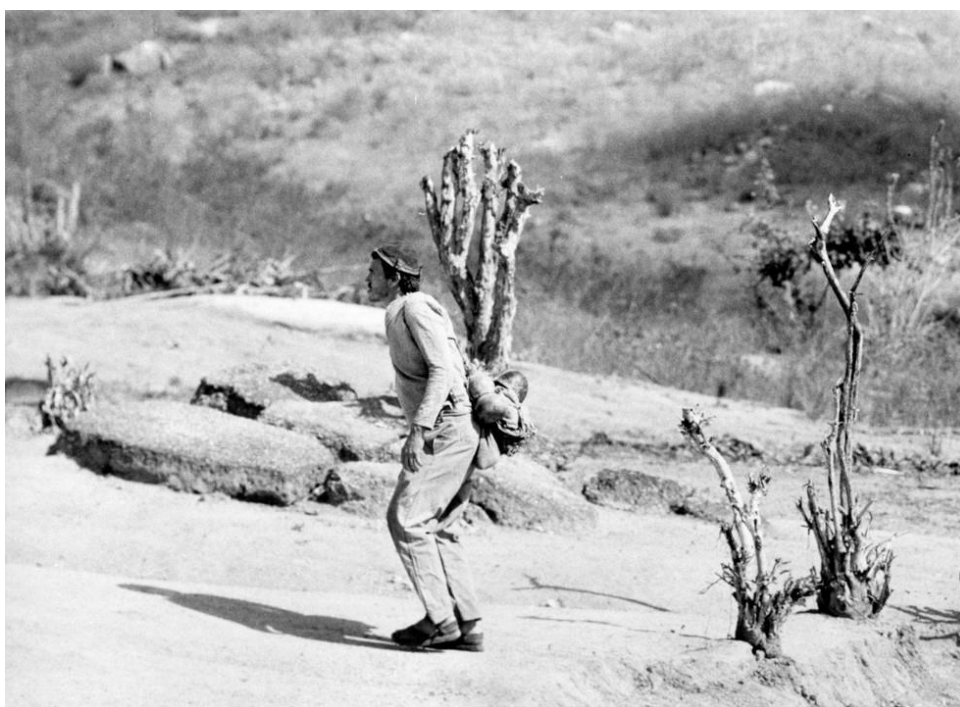
Em síntese, ao examinar o ritmo de Morte e Vida Severina e articulá-lo às práticas orais do repente e do *rap*, evidencia-se que o cordel, longe de um gênero “menor” ou periférico, mantém-se como força estética que atravessa temporalidades e territorialidades. Sua vitalidade se manifesta na métrica tradicional, na cadência do poema cabralino, na improvisação dos cantadores e na potência expressiva dos MCs contemporâneos. A palavra oral, ritmada e performada permanece como núcleo vivo da experiência literária.

2.2 A leitura pelas imagens

A principal imagem de *Morte e Vida Severina* é a de que a vida de Severino se assemelha a uma espécie de morte: ele trabalha incessantemente, sem condições de escolher seu destino ou melhorar sua situação. Essa situação é sintomática da condição social do retirante nordestino, refletindo um homem que, em meio à sobrevivência diária, cultiva sua própria morte em vida. A repetição da luta pela subsistência sem perspectiva de mudança reforça a sensação de vida marcada pela precariedade, resignação e vulnerabilidade, transformando Severino em um símbolo da opressão estrutural e da ausência de autonomia social.

A imagem de José Dumont na adaptação televisiva de 1981 cristaliza visualmente aquilo que o poema de João Cabral articula de maneira rigorosa pela palavra: a condição de um sujeito que caminha na fronteira entre a vida e a morte. O corpo magro, a postura encurvada e a expressão exausta evocam o desgaste físico e emocional do retirante, reforçando a noção de que Severino carrega no corpo os sinais de um processo contínuo de sobrevivência.

A composição visual, geralmente marcada por cenários áridos, iluminação baixa e tons terrosos, intensifica a sensação de abandono e escassez, funcionando quase como extensão simbólica do próprio sertão. A paleta monocromática — próxima ao sépia — produz um efeito de atemporalidade: poderia tratar-se do Nordeste de ontem ou de hoje, o que sublinha o caráter estrutural da desigualdade denunciada pelo poema.



José Dumont em cena de *Morte e Vida Severina*, 1981., Foto: Acervo/Globo

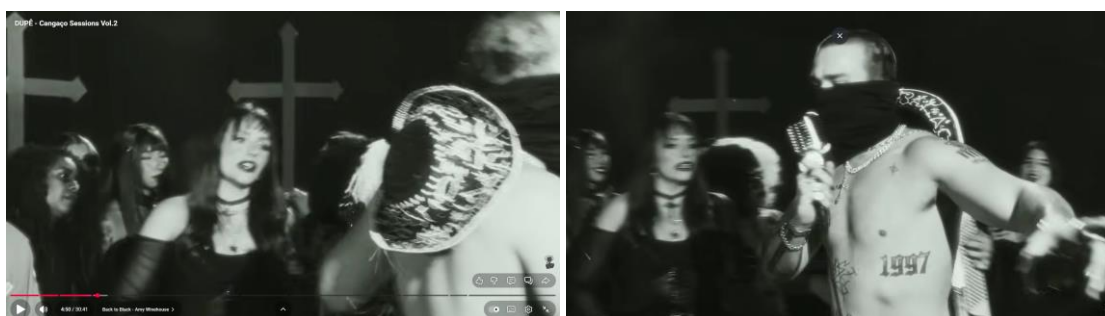
Além disso, a imagem estabelece um diálogo direto com o conceito de “morte em vida” central na obra. O rosto de Severino raramente expressa alegria ou esperança; sua neutralidade melancólica sugere um sujeito que continua caminhando apenas porque parar seria sucumbir de vez. Visualmente, ele parece sempre à beira do colapso, mas ainda em movimento — um paradoxo que o torna a personificação do drama cabralino: vivo o suficiente para persistir, morto o bastante para não escolher.

Também é possível observar na fotografia o reforço da ideia de coletividade, ainda que seja apenas um personagem diante da câmera. Severino representa um, mas significa muitos. Seu corpo funciona como metonímia dos milhares de retirantes que partem em busca de condições mínimas de existência. A imagem, portanto, não captura apenas um indivíduo, mas um tipo social marcado pela exclusão.

Assim, a representação visual do retirante, especialmente na figura de José Dumont, não apenas ilustra o poema: ela o amplia. A fotografia condensa, em um único quadro, a tensão fundamental da narrativa — o esforço constante de viver enquanto se experimenta, diariamente, a proximidade da morte.

Essa compreensão encontra paralelos significativos em interpretações artísticas contemporâneas. Um exemplo expressivo é a releitura transcriativa do *trapper* Dupê para “Back to Black”, de Amy Winehouse, na qual o artista recria a canção em um ambiente estético soturno e gótico. Seu trabalho atualiza poeticamente a noção de esgotamento vital, explorando imagens que remetem à eterna condição humana de retorno ao pó. A ambientação sombria, a cadência lenta e o timbre melancólico reforçam a sensação de inevitabilidade trágica — sentimento que também permeia o percurso do retirante cabralino.

Assim, tanto no poema de João Cabral quanto na transcrição de Dupê, observa-se a representação de vidas atravessadas por ciclos de desgaste, repetição e ausência de perspectiva. A arte, em ambos os casos, funciona como lente que expõe formas distintas, mas convergentes, de morte simbólica, revelando como a falta de escolhas, a opressão social e a precariedade continuam a moldar subjetividades em diferentes temporalidades.



As imagens evocadas pela leitura de *Morte e Vida Severina* exercem um impacto profundo sobre o leitor, porque estão intrinsecamente ligadas ao modo de existir do protagonista. João Cabral constrói o poema de forma a provocar um imaginário marcado pela escassez, pela repetição da dor e por uma atmosfera quase fúnebre. As cenas que se formam na mente do leitor — corpos exaustos, paisagens áridas, caminhos longos e silenciosos, funerais sucessivos — são imagens carregadas de tristeza, peso e angústia. Trata-se de um universo visual que convoca o luto mesmo antes da morte literal, instaurando uma sensação constante de morbidez.

Esse efeito não é acidental: ele nasce da própria trajetória de Severino, cuja vida precarizada se transforma em lente pela qual todo o poema é visto. A miséria cotidiana do retirante molda o olhar do leitor, que experimenta simbolicamente o mesmo mundo que Severino vê. Por isso, as imagens emergem impregnadas de sofrimento — não apenas o sofrimento individual do personagem, mas o sofrimento coletivo de tantos brasileiros, especialmente nordestinos, que historicamente enfrentam condições materiais precárias.

Assim, cada cena imaginada funciona como testemunho de uma realidade social persistente. Os cenários desolados não são apenas metáforas poéticas: são ecos diretos das desigualdades que marcam a vida de grande parte da população do Nordeste. O leitor, portanto, não é apenas afetado pela tristeza da narrativa, mas confrontado com a dimensão estrutural desse sofrimento. A força imagética do poema reside justamente nisso: ao tornar visível o que muitas vezes é invisibilizado, ele transforma a experiência literária em ato de denúncia e de empatia.

2.3 O processo de semiose

O processo de construção de sentido em *Morte e Vida Severina* também se manifesta na escolha dos nomes das personagens. O nome “Severino”, por exemplo, carrega uma conotação semântica associada à severidade, à rigidez e ao sofrimento — sentidos que dialogam diretamente com a trajetória árdua do retirante. Trata-se de um nome comum, amplamente difundido entre populações sertanejas, o que intensifica seu caráter representativo: Severino não é apenas um indivíduo, mas um tipo social. Ele condensa, em sua designação, a coletividade de sujeitos pobres, migrantes e anônimos que enfrentam as mesmas condições de vida no Nordeste.

A mãe do protagonista, por sua vez, recebe o nome “Maria”, dotado de forte carga simbólica na tradição cristã e na cultura ocidental. É um nome que remete ao feminino popular,

à simplicidade, à maternidade e também à dor. Ao atribuir esse nome à mãe do retirante, João Cabral reforça sua inscrição no imaginário coletivo do Nordeste, aproximando-a das mulheres comuns cuja existência é marcada por lutas silenciosas, trabalho contínuo e sofrimento cotidiano.

Assim, a escolha dos nomes funciona como um mecanismo semiótico fundamental. Cada designação aciona repertórios culturais e simbólicos que ampliam o significado do poema e o ancoram na realidade social que pretende representar. Os nomes não apenas individualizam as personagens, mas também traduzem suas trajetórias, seus modos de vida e suas posturas diante do mundo. Nesse sentido, o fato de o protagonista se chamar Severino remete a uma vida marcada pela dureza: o próprio nome sintetiza a aspereza do caminho percorrido, o peso da experiência sertaneja e a identidade coletiva compartilhada pelos inúmeros Severinos que compõem o tecido social do poema.

3. *Morte e Vida Severina* e suas relações intersemióticas

Este trabalho visa analisar a importância do cordel como manifestação cultural no Brasil, destacando seu papel na preservação da memória, da oralidade e das tradições populares. Para tanto, será realizado um estudo aprofundado da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, que, embora seja um poema moderno, dialoga profundamente com a estética e as temáticas do cordel, evidenciando sua influência e relevância na literatura e na identidade cultural brasileiras.

A análise da obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, exige a compreensão de sua complexidade poética e de sua inserção em um conjunto mais amplo de sistemas semióticos que permeiam a cultura brasileira. Como poema dramático de forte apelo social, a obra não apenas sintetiza uma visão crítica sobre a realidade do retirante nordestino, mas também estabelece múltiplos diálogos com outras linguagens, estéticas e tradições culturais. Assim, compreender *Morte e Vida Severina* implica reconhecê-la como ponto de convergência entre literatura, performance oral, música, teatro, artes visuais e audiovisual, revelando tanto as influências que recebeu quanto aquelas que exerceu no imaginário artístico do país.

Nesse sentido, torna-se fundamental observar sua estrutura poética cuidadosamente elaborada. João Cabral constrói uma obra que alia precisão formal e economia verbal a uma intensa expressividade temática, produzindo um efeito estético singular. O estudo de seus aspectos formais, como métrica, ritmo, paralelismos e encadeamento narrativo, permite perceber como o autor estabiliza poeticamente um percurso de sofrimento, resistência e crítica social. Essa estrutura não é mero suporte temático: ela constitui a própria lógica interna que confere força ao texto e fundamenta suas conexões com outras linguagens.

A partir dessa base formal, é possível perceber que *Morte e Vida Severina* não se fecha em si mesma. Ao contrário, sua circulação no cenário cultural evidencia o modo como a obra de João Cabral se tornou um marco da literatura brasileira, exercendo influência ampla e recebendo, ao mesmo tempo, interpretações oriundas de contextos diversos. A relação da obra com outros sistemas de significação, como a tradição do cordel, o teatro popular, a música regional e manifestações audiovisuais, demonstra sua capacidade de atravessar fronteiras estéticas e discursivas, dialogando com diferentes públicos e temporalidades.

As manifestações intersemióticas de *Morte e Vida Severina* constituem, portanto, um campo fértil de análise. Suas adaptações para o teatro, a música e o cinema, suas releituras em espetáculos contemporâneos e sua presença em materiais audiovisuais educativos revelam

como o poema se reinventa continuamente. Cada nova interpretação lança luz sobre aspectos distintos do texto original e reafirma sua relevância simbólica no repertório cultural brasileiro.

Por fim, refletir sobre a atualidade da obra significa reconhecer que os problemas sociais denunciados por João Cabral permanecem, em grande medida, presentes no Brasil contemporâneo. As desigualdades estruturais, a precarização da vida, o deslocamento forçado de populações vulneráveis e as tensões entre campo e cidade continuam a marcar o país. Nesse contexto, *Morte e Vida Severina* mantém sua potência crítica, funcionando não apenas como documento poético de uma época, mas como chave interpretativa para compreender a persistência de injustiças e a urgência de um olhar ético sobre a realidade.

Assim, o desenvolvimento deste trabalho parte da convicção de que *Morte e Vida Severina* é uma obra cujo valor ultrapassa o campo estritamente literário: ela se afirma como expressão cultural intersemiótica, profundamente enraizada na história social brasileira e ainda capaz de provocar reflexão sobre os desafios contemporâneos do país.

Discutirei a valorização não apenas do cordel, mas também de outros gêneros historicamente marginalizados, como o *rap*. A aproximação entre essas manifestações artísticas revela que a legitimação de gêneros populares, sobretudo aqueles que dialogam diretamente com a literatura, contribui para ampliar o reconhecimento do próprio cordel enquanto subgênero literário.

Assim, ao promover a visibilidade de expressões como o *rap* e o repente — ambos simultaneamente musicais e literários — fortalece-se o interesse por produções culturais que integram oralidade, ritmo e narrativa. Esse movimento não apenas encoraja um maior consumo dessas formas artísticas, em suas dimensões sonora e visual, mas também estimula a procura por obras escritas que as tomem como objeto de estudo e reflexão. Em síntese, a valorização de tais gêneros amplia o campo de pesquisa e contribui para consolidar sua relevância estética e cultural.

Discutiremos um pouco mais sobre os aspectos sociais e políticos presentes tanto no *rap* quanto no cordel, que por sinal são aspectos, os quais por sinal são aspectos bastante presentes nos dois subgêneros tanto em um quanto em outro. A crítica social está presente de maneira igualmente intensa e contundente tanto nos subgêneros *raps* quanto no cordel. E também um outro aspecto que está presente em ambos é o aspecto. Um outro aspecto que está presente em ambos, em ambos é o seu aspecto político. Pode-se dizer também que.

Pode-se dizer também que nas duas produções artísticas há uma convergência temática que enfatiza esses dois aspectos, o aspecto social e o aspecto político, com o objetivo de analisá-los com mais profundidade e de conferi-los voz e até mesmo autenticidade.

Dando prosseguimento à análise, dando prosseguimento à construção do terceiro capítulo, é correto afirmar também que a crítica social e os aspectos de convergência presentes tanto no relógio quanto no *rap* potencializam e aumentam as suas valorizações culturais.

A recepção do público desempenha papel central na legitimação cultural entre o cordel, o *rap* e o repente, pois, embora esses públicos se diferenciem em alguns contextos sociais e geográficos, compartilham uma sensibilidade estética voltada à crítica social, à performance da palavra e à construção identitária pela oralidade. Essa convergência favorece a percepção do cordel como linguagem contemporânea, viva e capaz de dialogar com experiências urbanas e periféricas, e não apenas com narrativas rurais tradicionais.

A hipótese de que o público reconhece no cordel uma linguagem atual apoia-se no fato de que tanto o *rap* quanto o repente preservam a dimensão performática, crítica e rítmica que sempre caracterizou o cordel. No *rap*, a denúncia da desigualdade, da violência estrutural e da resistência cotidiana ecoa temas tradicionais do cordel nordestino, permitindo identificação com sua força narrativa e com seu posicionamento político. No repente, a improvisação, o duelo poético e o ritmo metrificado revelam a continuidade de uma cultura da oralidade compartilhada com o cordel. Esse reconhecimento mútuo manifesta-se por meio de afinidades temáticas — como desigualdade social, identidade coletiva, memória e resistência —, estéticas — cadência do verso, criatividade na rima, performatividade — e também pela legitimação cruzada, que ocorre quando *rappers* e repentistas incorporam elementos do cordel, conferindo-lhe prestígio, enquanto folheteiros e pesquisadores reconhecem no *rap* e no repente continuidades formais e temáticas que ampliam os horizontes da tradição cordelística. Assim, o cordel deixa de ser percebido como expressão restrita ao sertão e passa a ocupar um lugar dinâmico no imaginário contemporâneo, reforçado pela recepção positiva de públicos que transitam entre *rap*, repente, cordel e *slam*, ampliando suas possibilidades de circulação em espaços urbanos, digitais e acadêmicos.

3.1 *Morte e Vida Severina* e o cordel

A relação entre *Morte e Vida Severina* e o cordel não se limita a aspectos formais ou temáticos: ela se insere em um movimento mais amplo de circulação, ressignificação e legitimação de culturas populares no campo literário e artístico brasileiro. Se por um lado João Cabral não escreve um cordel em sentido estrito, por outro ele absorve a lógica narrativa, a economia verbal e a cadência rítmica próprias da poesia oral nordestina, instaurando um espaço de diálogo entre erudição e tradição popular. Essa fusão estética revela aquilo que Zumthor

denomina “poética da voz”: uma escrita que nasce da oralidade e retorna a ela no ato da performance.

Além disso, a trajetória da obra reforça a noção de que os gêneros populares — cordel, repente, *rap*, slam — partilham uma matriz comum fundada na oralidade performática e no engajamento social. *Morte e Vida Severina* ecoa no *rap*, por exemplo, não apenas pelo ritmo e pela força imagética, mas pela crítica contundente às estruturas que produzem fome, miséria e morte simbólica. Tanto no poema quanto no *rap*, a palavra é instrumento de denúncia, memória e resistência. Essa afinidade evidencia que o cordel dialoga com movimentos culturais urbanos contemporâneos, rompendo a falsa dicotomia entre “popular rural” e “popular periférico urbano”.

A transposição da obra para diferentes linguagens artísticas reforça sua potência. O espetáculo teatral do Recife (1955–1956), o filme de Zelito Viana (com músicas de Chico Buarque), as gravações para rádio e TV e até mesmo releituras contemporâneas em vídeo e música constituem aquilo que Irina Rajewsky denomina “intermedialidade transformadora”: a obra se reinventa ao migrar de um meio a outro, mantendo seu núcleo semântico, mas ganhando novas camadas expressivas. Jakobson chama esse processo de tradução intersemiótica; Plaza, de transposição criativa; Haroldo de Campos, de transcrição.

Esses diálogos reforçam que não há perda pura: há deslocamentos, ganhos e potenciais estéticos. Como observa Octavio Paz, a tradução — aqui entendida também como adaptação — é sempre uma “recriação” que projeta a obra para um horizonte cultural diverso, permitindo que novos públicos a acessem e ressignifiquem. Walter Benjamin, por sua vez, sublinha que a obra traduzida ou transposta sobrevive, prolonga-se, atravessa épocas e meios, preservando sua força vital. No caso do poema de João Cabral, o suporte folhetinesco e o cenário sertanejo expandem-se para o palco, a tela e a música, demonstrando que formas populares podem alcançar espaços de legitimação institucional e midiática.

Do ponto de vista sociocultural, essa circulação amplia o próprio estatuto do cordel. Ao ser associado a uma obra canônica da literatura brasileira e a produções de grande impacto cultural, o cordel deixa de ser visto apenas como arte periférica ou regional. Ele passa a ser reconhecido como forma complexa, historicamente densa, esteticamente refinada e dialogante com o presente. A apropriação crítica de elementos do cordel por João Cabral e sua expansão para o teatro, cinema e música funcionam como um movimento de “desmarginalização”, como aponta Antonio Candido ao discutir o acesso democrático à literatura.

Em síntese, *Morte e Vida Severina* demonstra que o cordel não é um gênero fixo nem isolado; trata-se de uma matriz estética viva, capaz de se infiltrar na alta literatura, no teatro

moderno, no audiovisual contemporâneo e até mesmo no *rap* e no slam. A obra de João Cabral opera como ponte — histórica, estética e política — entre a tradição popular e as práticas culturais atuais, fortalecendo o cordel como forma legítima de expressão e ampliando sua presença na crítica acadêmica, nas artes performáticas e na cultura digital.

3.2 *Morte e Vida Severina* e a música

A musicalidade que estrutura *Morte e Vida Severina* abre caminho para diálogos profundos com práticas musicais contemporâneas, especialmente aquelas enraizadas na oralidade, na métrica e na crítica social. O ritmo interno do poema — cadenciado, repetitivo, quase ritualístico — encontra afinidade natural com o *rap*, o repente e a música regional nordestina. Esses gêneros, apesar de suas diferenças históricas e estéticas, compartilham elementos fundamentais como o verso metrificado, a força da performance e a denúncia das desigualdades, o que favorece a transposição simbólica da travessia do retirante Severino para novas linguagens musicais.

O cordel, no contexto desta subdivisão do trabalho, não se relaciona exclusivamente com o *rap*. Pelo contrário, sua aproximação com a música é ampla e multifacetada, abrangendo também gêneros como o *trap*, o repente e o forró. Todos esses estilos, embora distintos entre si, compartilham um histórico de marginalização e menor visibilidade quando comparados a gêneros hegemônicos, como o sertanejo.

Ainda assim, observa-se uma mudança significativa no cenário contemporâneo. O forró, por exemplo, alcançou maior projeção nacional nos últimos anos, superando em visibilidade tanto o repente quanto o *trap* e o *rap* em alguns contextos. Um indicador dessa ascensão é o reconhecimento obtido por um de seus maiores expoentes atuais, o cantor João Gomes, cujo álbum recebeu indicação — e posteriormente venceu — o Grammy Latino. Tal conquista reforça o potencial transformador dessas expressões musicais e sua ressonância cultural, aproximando-as ainda mais da tradição do cordel.

Nesse cenário, o trabalho de Dupê, cantor e compositor baiano que viralizou ao mesclar ritmos nordestinos (forró, pagodão, arrocha) com influências modernas como *trap*, rock, emo e cultura geek, exemplifica uma leitura contemporânea da sensibilidade cabralina. Sua proposta de “música nordestina com atitude de *trap*” recria, em registro urbano e digital, uma estética de resistência que dialoga diretamente com temas presentes em *Morte e Vida Severina*: fome, desigualdade, marginalização, violência institucional. Suas letras frequentemente utilizam imagens cruas, metáforas diretas e narrativas centradas no sujeito

precarizado — o que ecoa a segura expressiva de João Cabral. Mesmo quando não há referência explícita ao poema, o espírito severino — o indivíduo que insiste em sobreviver a uma vida socialmente inviabilizada — reaparece de maneira contundente.

Por outro lado, artistas que atuam no campo da música regional e instrumental reforçam outro tipo de diálogo com Cabral. Inácio Botelho, músico piauiense conhecido por sua versatilidade na sanfona e por misturar forró, blues, jazz, chorinho e música erudita, constitui um exemplo especialmente interessante. Ao interpretar obras clássicas — como a famosa *Sinfonia n° 5* de Beethoven — dentro de uma estética nordestina, Botelho realiza um gesto semelhante ao que a literatura de cordel historicamente praticou: a combinação entre tradição popular e diálogo com referências amplas da cultura mundial. Esse processo de hibridização, que coloca lado a lado o erudito e o popular, reforça a ideia de que *Morte e Vida Severina* também se sustenta na articulação entre culturas diversas, utilizando a simplicidade formal para revelar tensões profundas da existência humana. O mesmo gesto de releitura e transposição que Botelho realiza com Beethoven é análogo ao que músicos contemporâneos têm feito com a obra cabralina: atualização, reinvenção e circulação ampliada.

Além desses exemplos, vale lembrar que esse diálogo entre música e Cabral não é recente. A adaptação musical de Chico Buarque, em 1965, já demonstrava como o poema se acomoda naturalmente ao canto e à performance, utilizando melodias acessíveis e arranjos que evocavam o cancionário nordestino. Grupos como Cordel do Fogo Encantado retomaram esse espírito décadas depois, com performances incendiárias que mesclam poesia falada, batuques ritualísticos e crítica social. No *rap* nacional, artistas como Emicida reaproximam a literatura nordestina das periferias urbanas contemporâneas, criando figuras que funcionam como “Severinos modernos”: sujeitos que lutam para existir em meio à dureza das condições impostas pelo país.

Esses exemplos mostram que *Morte e Vida Severina* não se limita ao plano da literatura impressa. Trata-se de uma obra viva, em permanente circulação simbólica, apropriada por diferentes linguagens que compartilham seu núcleo ético e estético. A música, seja no *trap* nordestino de Dupê, na sanfona híbrida de Inácio Botelho, no *rap* urbano ou na tradição do repente, age como vetor de visibilidade, renovação e legitimação cultural. Ao transitar entre plataformas, palcos e públicos, o poema reafirma sua potência crítica e seu papel estruturante na formação das estéticas populares brasileiras.

Considerações Finais

Com base na análise desenvolvida ao longo deste trabalho, pode-se afirmar que a literatura de cordel constitui uma manifestação cultural de extrema relevância, não apenas para o Brasil, mas também no contexto global. Sua importância transcende o âmbito regional, mostrando-se fundamental para a compreensão da literatura nordestina, da literatura brasileira em geral e, contemporaneamente, das dinâmicas culturais que atravessam a produção literária mundial.

O estudo realizado evidenciou que o cordel não se limita à dimensão literária tradicional: ele é simultaneamente veículo de oralidade, preservação da memória coletiva, crítica social e expressão artística intersemiótica. Ao analisar obras como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, verificou-se como o cordel dialoga com outras linguagens, como o *rap*, as batalhas de improviso e o teatro, ampliando sua visibilidade e reforçando sua legitimidade acadêmica e cultural. A crítica social, presente tanto no cordel quanto em manifestações contemporâneas urbanas, demonstrou ser um elo crucial que conecta tradições populares e discursos contemporâneos, reafirmando o papel do cordel como instrumento de reflexão sobre desigualdades e injustiças sociais.

Ressalta-se, ainda, que o presente trabalho constitui apenas uma etapa inicial de investigação sobre o cordel e suas relações intersemióticas. Pretende-se dar continuidade a esta pesquisa em nível de mestrado, aprofundando a análise teórica, explorando novas formas de transcrição e ampliando o diálogo com manifestações artísticas contemporâneas. Existe também a intenção de publicar os resultados desta pesquisa, contribuindo para a valorização acadêmica e cultural da literatura de cordel, consolidando seu reconhecimento como patrimônio simbólico dinâmico e vivo da cultura brasileira.

Em síntese, este trabalho reforça que o cordel é mais do que uma literatura regional ou folclórica: ele é um espaço de resistência, memória e inovação artística, cuja análise crítica oferece subsídios importantes para compreender tanto a tradição literária quanto os processos culturais contemporâneos no Brasil.

Referências Bibliográficas

ASSIS, R. A. de; Tenório, C. M.; Callegaro, T. *Literatura de cordel como fonte de informação*, in: Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, São Paulo, 2013.

BUARQUE DE HOLANDA, Chico. *Morte e Vida Severina: Adaptação Teatral com Música de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Selo Fonográfico, 1965.

BUARQUE, Chico. Funeral de um lavrador. In: CHICO BUARQUE DE HOLLANDA, vol. 3. 1968. Duração: 2:28. Disponível em: [<https://open.spotify.com/intl-pt/track/0BqrxnNuiFLTXRJ4br1EOh>]. Acesso em: 08 dez. 2025.

CABRAL DE MELO NETO, João. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Disponível em: <https://archive.org/details/dicionariodofolcl00casc>. Acesso em: 8 dez. 2025.

CIBA. *Meu Time*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/siba/meu-time/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

EMICIDA; RAEL. *Levanta e Anda*. O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui. 2013.

GOMES DE BARROS, Leandro. *Cordel: poesia popular do Nordeste*. Recife: Massangana, 1915-1918.

HAROLDO DE CAMPOS. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2011.

JAKOBSON, Roman. *On Linguistic Aspects of Translation*. In: R. A. Brower (Ed.), *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

PLAZA, Júlio C. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RIBEIRO, Darcy (autor); FERREZ, Isa Grinspum (dir.). *O Povo Brasileiro* [documentário]. Brasil: Fundação Darcy Ribeiro / TV Cultura / GNT, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMNulMYchm0>. Acesso em: 08 dez. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZELITO VIANA (dir.). *Morte e Vida Severina*. Filme. Brasil, 1977.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.